

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser textual e conter a indicação de fonte conforme abaixo:

LAIA, Maria da Glória Santos. Maria da Glória Santos Laia (depoimento, 2021). Belo Horizonte, Centro de Memória do IFMG/Pró-Reitoria de Extensão do IFMG, 2022, 38 p. (2h34min).

Entrevista com Maria da Glória Santos Laia (professora e ex-Diretora Geral do CEFET/Ouro Preto e do IFMG/Ouro Preto, e ex-Reitora do IFTO), realizada dia 29 de janeiro de 2021, cedida ao Centro de Memória do IFMG para fins de pesquisa sobre a institucionalização dos Institutos Federais e constituição do IFMG. A entrevista foi conduzida pelos entrevistadores Douglas Biagio Puglia e Denis Pereira Tavares que construíram o roteiro de perguntas. E esteve presente também Livia Serretti Azzi Fuccio. Esta entrevista foi transcrita e revisada pelos bolsistas PIBEX Mauro Fernandes Maia e Mariana Gonçalves. E a revisão final ficou a cargo do bolsista Denis Pereira Tavares. Para a gravação da entrevista, usamos a ferramenta do Google Meet.

Douglas: Ah, então, boa tarde! Boa tarde, Glória, tudo jóia, tudo bem?

Glória: Tudo bem, tudo bem.

Douglas: O meu nome é Douglas, né, eu sou um dos membros aqui do Centro de Memória, e em nome do Centro de Memória do IFMG, já gostaria de agradecê-la, né, pelo seu pronto atendimento por aqui conosco, disponibilizando aí com a gente, né, parte da história, da sua história, da história do IFMG, nesta tarde. E aí então, pro processo de entrevista, eu e o professor Denis que vamos conduzi-lo, certo? Mas já deixo meu muito muito obrigado pra você. Ah....

Glória: Eu que agradeço pela lembrança. [Risos]

Douglas: Quê isso! E a primeira pergunta, assim, a primeira pergunta é uma pergunta até um pouco burocrática, vamos dizer assim, se você autoriza, né, que agente grave a entrevista, que nós possamos gravá-la, se tem algum problema ou não?

Glória: Não, tô de acordo. Tudo bem.

Douglas: Então vamos lá! É, Glória, a primeira questão, eu gostaria que você pudesse falar um pouco com a gente da sua formação, do concurso, como você entra na Rede Federal, um pouquinho desse seu percurso pessoal, por favor.

Glória: Tá bem. Então, a minha história, ela começa, é, vinculada à Rede Federal desde o tempo de aluna, eu cursei o curso de Mineração aqui na antiga Escola Técnica Federal e, em seguida, é, prestei vestibular para Engenharia Civil na Universidade Federal de Ouro Preto. E terminado o curso, eu fiquei por um tempo trabalhando como autônoma, engenheira, e aí é houve a oportunidade do concurso que eu sempre quis lecionar. É, eu sempre trabalhei com docência, é, em colégios, cursinhos, então foi uma oportunidade mesmo de voltar em uma área que eu gosto bastante que é o desenho técnico. E naquela época, é, foi acho que o segundo concurso após a nova abertura aos concursos públicos, e aí eu ingressei em dezembro de 89 para a Escola Técnica e posteriormente passou pelo processos de transformação aí de CEFET, de Instituto... O exercício da docência, ele aconteceu de uma forma, é, bastante interessante porque eu fui a primeira professora de desenho técnico, uma área que era só masculina, então foi bastante desafiador porque você tem que ser, fazer, é, respeitar no meio que é muito masculinizado, mas sempre muito respeitoso também, né, assim, não, percebi, é, nenhum tipo de **demérito** do fato de eu ser mulher nessa área técnica. A única questão é que não era prática, não era prática não era o comum, né, ter uma mulher na [risos] nas áreas técnicas naquela época.

Douglas: Bacana.

Denis: É, professora Maria da Glória, boa tarde! Eu sou o Denis, bolsista aqui do Centro de Memória, vou tá junto com o Douglas conduzindo essa entrevista com você. É, pode ficar à vontade e desde já, a gente te agradece muito a sua disponibilidade, pronto atendimento mesmo, né ao pedido do Centro de Memória, né, e hoje a gente vai fazer esse percurso aí, principalmente, né, na fundação aí do IF, na história do IF, aliás, essa história que começa até muito antes dessa própria instituição, então você hoje vai contribuir bastante com a gente aí hoje... Então muito obrigado! É, uma pergunta que que eu te faço é a seguinte, além do cargo de docente, quais as outras funções de **funções de direção**, por exemplo, você ocupou, é, você desempenhou nessa Rede Federal de Ensino, já que você, é, ingressou desde a ETFOP, né, passando aí pelo CEFET, com processo de transformação, IFMG e o IF do Tocantins.

Glória: Hunrum..

Denis: Então, quais as funções de direção que você exerceu?

Glória: Tá bem. É, eu logo que eu comecei, né, a área de desenho tinha a prática do revezamento dos coordenadores, então, nessa época tinha a coordenação da área de desenho e eu exerci essa coordenação por cinco vezes. Alternadas, né, algumas duas vezes seguidas e outras foram alternadas. E também tive a oportunidade de trabalhar ativamente no sindicato. Na época, nós tínhamos a associação dos docentes da escola técnica, a ETFOP, e eu fui secretária na direção do sindicato, posteriormente, houve a fusão da ETFOP com o SINASEFE, então nós integramos o corpo do SINASEFE, dos servidores sindicalizados, e também participei da diretoria que naquela época, agora a gente chama de coordenação, né, também da associação dos servidores. Nós temos aqui a associação dos servidores, a ASSETFOP, fui secretária, fui presidente desta associação, a gente teve uma atuação bastante proativa de reunir os servidores nos momentos festivos, em atividades aí que pudessem fazer que a gente se integrasse fora da escola também, e também uma pequena participação na gestão do professor Vila Nova como coordenadora de projeto, é, existia essa coordenação à época também, muito vinculada a minha atuação na área de desenho. Eu me candidatei, em 2003, para

a direção, aí já era o CEFET, então nós tivemos o êxito nessa eleição. Foi uma eleição muito conturbada porque havia uma resistência muito grande ao processo democrático, então naquela época tinha o Conselho Técnico Consultivo que não aceitava, e, nós ainda tínhamos aquela questão da lista tríplice, e a comunidade se uniu, e pra respeitar o processo de escolha foi uma luta muito grande. É, não vou nominar as pessoas que se envolveram porque foram muitas que batalharam juntas, né, pra que a gente pudesse ter o mandato assegurado e, realmente, foi, assim, foi muito importante, é, tornar-me a primeira diretora de uma escola, se já era difícil ser professora, diretora era mais [risos] complexo mesmo. Mas, nós tivemos, assim, é, uma resistência também no CONCEFET, que era o Conselho dos Diretores, porque não reconheciam o nosso processo que foi feito por meio de um fórum democrático das instituições, todos unidos, e eu consegui com argumento, mostrando a legitimidade do nosso processo, consegui que nós tivéssemos, assim, o respeito das pessoas, tanto que eu integrei a câmara de educação lá no CONCEFET, tive oportunidade de substituir o presidente em algumas sessões como vice-presidente. Então, é, foi um reconhecimento de um trabalho que foi muito, muito suado, muito sério, comprometido mesmo com a instituição. Em 2007, houve nova eleição. Dessa vez eu não obtive, né, é sucesso, né, na eleição, reconheci o processo como legítimo, como parte da democracia e da opção dos servidores, e o professor Eliezer [Moreira Pacheco] e o ministro à época, Fernando Haddad, é, como nós temos a proximidade aí da implantação dos Institutos Federais, eles então me convidaram para assumir a direção do campus na época da Escola Técnica Federal de Palmas que tava também nesse processo de transformação em Instituto Federal. É, o professor Hércules, de São João Evangelista, que era diretor à época lá, ele estava na direção e ele teve que se ausentar por questões pessoais, né, e acho que ele iria se candidatar, salve engano, pra prefeitura, e aí eu fui pra Palmas, e lá a missão era a implantação do Instituto Federal do Tocantins, então eu participei como diretora por cerca de um ano e depois reitora quase dois anos lá no Tocantins. E também, sempre de forma ativa, é, eu me envolvi com as propostas de reforma, as propostas que foram feitas na logomarca, inclusive, pelo fato de ser professora de desenho, então eu fiquei muito honrada na época de ter feito parte dessa escolha da marca do Institutos Federais, que ela muito foi pensada na questão da participação e na questão do ser humano, então aquele círculo vermelho é emblemático porque ele coloca, destaca, na verdade, as pessoas, né, dentro das instituições. E o projeto dos Institutos Federais foi em projeto muito debatido nas comunidades, eu espero que tenha sido em todas as comunidades, né, porque realmente

foi uma mudança que aconteceu, assim, é, que algumas instituições já tinham o seu anseio de se tornar universidades federais, tecnológicas federais, e só que o modelo não, ele não se adequaria às nossas instituições porque ao nos tornamos universidades haveria um hiato aí, uma falta da educação profissional de nível técnico e tecnológico, e aí, é, o modelo dos Institutos Federais, após visitas que foram feitas também em outras instituições, em outros países, inclusive, possibilitou a criação dessa nova estrutura, desse novo modelo que contemplava uma reitoria e cada uma das unidades se tornariam um campus. Então, se para algumas instituições houve uma regressão, vamos dizer assim, como um todo houve um avanço porque todas, é, se equiparam, possibilitando as certificações de todas, as questões aí ligadas à certificação, a própria função da educação tecnológica no país, né... Então, assim, eu fiquei muito, é, muito envolvida e muito **grata** por esse momento, por estar na história nesse **momento aí da criação dos Institutos Federais**. Há críticas às questões que nós temos aí que debater, né... Mas, voltando então a essa minha linha do tempo, e aí eu retornei a Ouro Preto, ao Campus Ouro Preto, agora Campus de Ouro Preto, do IFMG, e, novamente, houve um desejo por parte de algumas pessoas de que eu me candidatassem novamente, né, eu aceitei mais um desafio dentro de um cenário aí já mais complexo, tanto para instituição, quanto para o cenário econômico no país, e nós já tínhamos aí várias questões, vários desafios relacionados aos institutos, a toda educação e os investimentos e tudo, como nós pudemos ver depois, né. Então, eu fiquei até 2019, 2018, e aí 2019 eu me aposentei, porque eu acredito que eu tenha feito um trabalho aí, e tem outros outros planos também, outros sonhos, achei que era hora de deixar ir [risos], **deixar não a instituição, porque eu tô, porque eu vivo a instituição em cada momento dela, né.**

Douglas: Não, é, muito, muito legal a trajetória como um todo. E como você passou por isso tudo, aí sua visão, claro, né, o que é o Instituto Federal de Minas Gerais? E qual é o papel que ele deveria cumprir? Num dado momento você até falou assim: “precisamos evoluir”; no meio dessa resposta então, qual é o papel, na sua opinião, que o IFMG deveria cumprir e o que é o IFMG na sua visão?

Glória: Tá. Bem, o papel dos Institutos como um todo, e isso, é, do IFMG, em particular, deve ser de uma instituição que seja referência, referência porque nós temos um quadro de profissionais extremamente qualificado. As nossas estruturas, ah, como

eu gosto de falar, nós temos, sempre podemos melhorar, mas as nossas estruturas e, pra quem percorre à rede estadual, algumas municipais e tudo, e mesmo particulares, nós vemos que a nossa estrutura é muito bem montada. E é por isso que nós precisamos, sim, lutar muito para que não se destrua esse patrimônio, não só o patrimônio físico, como também o patrimônio humano que as nossas instituições detém. É, e o IFMG desse cenário, considerando toda todo leque que... de atuação do IFMG, nós podemos ter, sim, um protagonismo no desenvolvimento de Minas Gerais, precisamos ser ouvidos, precisamos ser considerados, acredito também que o IFMG tenha que estar presente, como tem feito, né, nas discussões aí do Estado, é, não só da educação profissional, mas também da educação básica pra apoiar, porque nós temos as licenciaturas que deveriam caminhar muito próximas à formação docente, pra impulsionar a nossa educação básica, sabemos das dificuldades, dos desafios, sabemos das carências que existem, mas eu acredito muito, de verdade, que uma educação de qualidade ela pode e faz diferença, né, e é com esse com esse olhar que eu enxergo o IFMG, no cenário da indústria, do comércio, dos serviços e agricultura, né, desse cenário todo aí pro desenvolvimento de Minas Gerais. É um Estado com 853 municípios, ele precisa realmente dessa atuação, de mais do Instituto, porque nós temos uma um leque de ações e atuações do Estado de Minas Gerais, que é muito peculiar. Então, campo de trabalho, campo de pesquisa, campo de crescimento, o IFMG tem de sobra, né, não sei se faltou parte da resposta aí.

Douglas: Não, tá ótimo!

Denis: Tranquilo, bacana demais. Deixa eu te perguntar, pra você que acompanhou o IFMG desde esse momento de criação, institucionalização lá em 2008, e hoje, né, é, a gente tem 12 anos aí, se passaram 12 anos desde a fundação, e se a gente levar em conta essa sua experiência como docente e as funções de direção que você ocupou, levar em conta todo esse tempo, qual o balanço que pode ser feito aí, é, nesse período, desse momento da criação até hoje?

Glória: Tá. É, pouco mais de 10 anos da criação dos Institutos, é, eu vejo, inclusive um pouquinho do meu estudo do doutorado em relação aos Institutos Federais, né, como

política pública, e da educação profissional. O que nós percebemos, assim, a expansão ela foi pensada de uma forma, né, é, nessa época eu estava no Tocantins e, por exemplo, o IFTO teria seis campi e uma reitoria, então nós fizemos a implantação de, é, 3 campi, ah, novos campi mais a integração da Escola Técnica de... agrotécnica de Araguatins, a Escola Técnica de Palmas e a Uned de Paraíso de Tocantins que já existia. Então, foi muito complicado se nós pensarmos assim que o arranjo seria de seis campi e uma reitoria. De repente, esse número já dobrou. Então, a expansão ela foi pensada de uma forma e obviamente que com as mudanças de governo, com as interferências que ocorreram, esse número de campi, é, aumentou absurdamente, e eu falo absurdamente porque nós não tivemos um tempo e isso era muito debatido no Conif àquela época, da gente não atropelar o processo, porque vejam os nossos servidores são oriundos das universidades federais, então a referência deles, a cultura deles é toda pautada pelo ensino da universidade, né, então nós precisávamos criar mecanismos seja no acolhimento dos novos servidores, de que eles, é, entendessem o modelo IF, é o modelo novo, é um modelo inédito. O professor Eliezer sempre comenta isso do ineditismo dos Institutos Federais. E por não ter outros parâmetros, nós temos que desbravar esses caminhos do nosso jeito, então imagina, desbravar caminho novo com a referência quase que total da escola, das universidades federais. Então, isso criou realmente alguns pontos de atrito de conceito mesmo, de qual é a nossa vocação e de qual é a nossa missão em relação à educação profissional. É, essa integração da pesquisa, da extensão, que era feita de forma muito, muito natural entre os CEFETs, né, e que foi também absolvida pelas... Igual, nas vinculadas pelas agrotécnicas, isso precisava ser mais bem entendido pelos novos servidores, e muitas vezes não houve tempo de se formar quadros. Imagina a gente saltar de 114 unidades para quase 700, como que você forma quadros diretivos, né, pra esse mundo de novos campi, novas instituições? E como eles vão ter a referência da educação profissional se isso não foi possibilitado? Então, eu vejo com o maior desafio ainda pra nós, é, entender que Instituto não é universidade e não pode ser. E eu defendi isso, inclusive fui espaço do grupo que defendeu que nós deveríamos ter a nossa identidade e não simplesmente, é, um trampolim para a universidade, porque não faz o menor sentido. A nossa função, ela é muito específica ela tem uma conexão muito forte com a comunidade, né, a nós, sempre falamos da capilaridade dos Institutos Federais, e isso a gente não deveria perder na nossa história porque ainda que não sejamos tão conhecidos, mas é muito mais fácil a pessoa falar da escola, né, da escola técnica do CEFET, e agora com muito mais proximidade dos

Institutos nas comunidades, do que às vezes a universidade. Então, é uma vantagem que a gente tem de poder trabalhar muito próximo às comunidades. Então eu colocaria assim como desafio de todos os Institutos, especialmente o nosso, né, eu estou vinculada ao IFMG, de levar essa cultura e consolidar a nossa identidade como Institutos.

Douglas: Legal. Já que você falou um pouco disso, então fala meio do início dessas questões, né, então, claro, nós temos a lei de 29 de dezembro de 2008, que vai fundar os Institutos, que vai dá o embasamento legal para fundação dos Institutos, mas eu gostaria que você pudesse falar com a gente, de acordo com a sua experiência, como que foi o processo de criação desses Institutos Federais na prática, o famoso para além da lei, como se deu na prática essa fundação desses Institutos?

Glória: é, não foi fácil, Douglas, porque houve muita resistência, principalmente, e aí eu pude perceber isso na dissertação do mestrado e, posteriormente, na tese de doutorado. É, houve muita resistência das instituições que tiveram que se integrar. Porque o CEFET/São Paulo, ele se transformou num Instituto, o CEFET, é, de Florianópolis transformou-se num Instituto, o CEFET de Goiás transformou-se num Instituto, diferentemente do IFMG e do IFTO. Alguns Institutos também do Sul, no norte, que nós tivemos que integrar diferentes institucionalidades numa só. Então, sem dúvida alguma, isso ficou evidente, tem um trabalho da professora Célia Otranto que fala exatamente dessa dificuldade da integração porque havia desconfiança de que o CEFET ia entrar e ia dominar o espaço, né. E, é, mas houve também situações de integração de escolas técnicas, houve também integração de escolas agrotécnicas e técnicas, agrotécnica e CEFETs, então quando houve essa integração de diferentes instituições, a resistência das comunidades foi maior e foi por conta dessa questão de perda na autonomia, principalmente, né. Imagina o diretor do CEFET, ele tratava de todas as questões em Brasília e, de repente, ele teria que se reportar a um reitor, se não fosse ele o reitor, né. Então, é como se ele tivesse, assim: agora perdi o poder, perdi prestígio, inclusive, né. Houve várias falas assim nesse sentido e, então, assim, focando mais no caso do IFTO, que eu contribui na implantação, e o IFMG que eu vivenciei, é retornando pra cá, né, é, no IFTO não foi diferente, a comunidade da Escola Agrotécnica de Araguatins não queria de jeito nenhum, foi preciso, inclusive, várias audiências públicas e nós fizemos essas audiências públicas, fizemos audiências em

todos os municípios que haveriam esses campi Institutos, né, do instituto, para explicar o modelo, pra mostrar pra comunidade que nós só queríamos ganhos se nós soubéssemos trabalhar sobre essa institucionalidade... E após muito debate, muito esclarecimento mesmo, nós selamos o projeto do IFTO, e cumprida missão, eu fiquei então por mais algum tempo como reitora e tivemos, sim, dificuldades de resistência de pautas às vezes de entendimento do que estava por vir, o que é natural também se a gente pensar que tá vindo uma instituição totalmente diferente do que se praticava, né. E no IFMG a integração ela ainda foi acho que foi até mais, uma das mais complexas dos modelos criados, porque nós tínhamos uma integração de um CEFET agrícola, que é o de Bambuí, então eu não vivenciei internamente esse momento, mais eu pelo que eu, é, pude perceber, do que eu estudei, foi isso, e do que eu vivenciei lá no âmbito do CONIF, né, então havia um CEFET agrícola, havia uma escola agrotécnica e um CEFET industrial, fora as unidades também descentralizadas, as unidades também, as UNEDs da época. É, imagine então que a correlação de forças aí, é, ou se trabalhava no sentido de uma coalizão ou de uma ruptura natural, porque havia interesses institucionais, mas havia também, e eu imagino porque nós somos humanos, né, havia interesses pessoais. Porque o cargo de reitor, de fato, é um cargo máximo da instituição e você tem uma visibilidade muito maior, pessoal, profissional, então isso impacta, assim, nos desejos da pessoa. Eu imagino, né, se falasse assim: “você quer se tornar a reitora da UFMG?”, eu me tornaria, porque é uma honra, é muito legal, é um trabalho que você o tempo todo tem, é, questões aí demandadas, tem debates, tem propostas para colocar, então, assim, realmente é um posto atrativo, principalmente para as pessoas que estão envolvidas na... que tem essa esse lado assim da liderança. Então, né, não pode ser simplesmente você querer ser, eleição de uma instituição desse porte por um projeto exclusivamente pessoal. Aí é que eu acho que os conflitos ficaram mais espinhosos, né, porque nós éramos naquela época reitores e tínhamos que nos alinhar ao MEC, mas, ao mesmo tempo, nós temos que ter um papel crítico e foi feito esse papel crítico em relação a velocidade de expansão, em relação a velocidade de algumas criações de campi aí sem a devida estrutura, principalmente a estrutura, é, humana, de saber direitinho como é que é esse modelo. E o IFMG teve, como ouvi várias vezes e acho que todos nós ouvimos, a questão da perda da autonomia, então Ouro Preto se ressentiu, obviamente, muito mais por ser o campus mais antigo. Então, já tinha uma trajetória, já tinha uma história constituída, que reportava lá aos tempos da Escola de Minas, né, vinculada à Escola de Minas que era também... se nós olharmos esse

passado aí não foi fácil a criação da Universidade Federal de Ouro Preto porque haviam escolas diferentes, de Minas, Metalúrgica, de Farmácia, o Instituto de Filosofia, e também tiveram suas, imagino, né, as suas rusgas, porque cada um entenderia que naquele momento duma perda de espaço. E no nosso caso, na mesma forma, né, então imagina a tradicional Escola Técnica Federal de Ouro Preto que passou por um momento de resistência à “cefetização”, tanto que nós fomos dos últimos a nos tornar CEFET porque era uma coisa nova, e o novo assusta, e o novo faz a gente ou recuar ou ousar e se jogar na história, né, e como mineiros, né, eu acho que a gente tem essa tendência de resistir um pouco. [risos]

Denis: É, uma questão. Você sabe dizer, assim, pra gente, de que forma mesmo, assim, essa notícia da criação do Instituto ela chega em Ouro Preto, né, como que se, você já começou a falar, né, alguns aspectos de Ouro Preto e também lá em Tocantins, mas como que isso é recebido, assim, pela comunidade local? “Pronto, vamos criar o Instituto”, como que isso é recebido? E outra questão também, é, a ETFOP, né, tinha se transformado em CEFET, né, em 2002, e vai se aderir a outro projeto em 2008, que é o de Instituto Federal, qual que é a sua visão, sua avaliação, assim, sobre esses dois projetos, do CEFET e do IFMG?

Glória: Então, o projeto CEFET/Ouro Preto, é, na época, nós tivemos, assim, vários debates, é, na comunidade, **isso foi intensamente debatido**, intensamente colocado, participamos na época, é, nós tínhamos um conselho de coordenadores e eu tive a oportunidade de participar de algumas audiências públicas que foram realizadas e entre as instituições até nesse momento, muitas delas promovidas pelo SINASEFE, para que nós analisássemos os prós e os contra de se ter uma nova institucionalidade que seria o CEFET. É, num primeiro momento, e eu acredito que isso tenha perpassado as instituições, é, tudo se volta pra questão de recursos... Bom, tornar-se CEFET vai trazer mais recursos? Vai trazer mais vagas, códigos de vagas pra instituição? Vai trazer mais investimento, né? Então essa é a primeira questão que ficou muito clara quando se começou a discutir a “cefetização” no âmbito da Escola Técnica. É óbvio que já estava consolidado aí pra nós, já era ponto pacífico o CEFET/Rio, CEFET/Paraná, o CEFET/Minas, CEFET Bahia, né, foram os primeiros e, salve engano, Santa Catarina, não sei, é, Maranhão, que estavam nesses primeiros aí, constituídos. Então, a gente tava

naquela, como diz, né, naquela vidinha, escola técnica, mas, é, ansiando, como todo profissional, se nós temos capacidade de oferecer cursos superiores de tecnologia, se nós temos a possibilidade da pesquisa, e o CEFET nos possibilita isso, por que não? Então foi aí que começou também uma busca pela criação de cursos superiores naquele momento, superiores de tecnologia que eram os tecnólogos, né, é, eu também tive a oportunidade de dentro do MEC participar de reuniões com o sindicato dos tecnólogos de São Paulo, que é um sindicato mais aguerrido, e essa questão do reconhecimento do tecnólogo ela ficou, assim, muito resistente por parte dos conselhos, né, dos conselhos profissionais, e aí é que eu vejo que as dificuldades em relação a consolidação do curso superior de tecnologia, é, que também possibilitou a... se pensar na oferta dos bacharelados, na oferta de licenciaturas e também, porque tudo que foi proposto aos Institutos, de certa forma, o CEFETs também já faziam, nós já tínhamos nessa época vários CEFETs com algumas licenciaturas. Porque nós temos que entender que muitas, muitas inovações que acontecem nas nossas instituições elas dependem muito mais do nosso protagonismo do que do próprio MEC. E por que que eu falo isso? Vocês devem se lembrar do decreto, né, 2208 [Decreto nº 2.208 de 17 de abril de 1997, que estabelece diretrizes para a educação profissional], que separou o ensino técnico do médio, e naquela época a nossa discussão era, é, nós precisamos voltar ao ensino integrado, nós perdemos alunos, nós perdemos qualidade, o curso técnico ele, ele tava esvaziado da sua função, né, e aí nós propusemos aqui com, inclusive, uma participação de uma professora nossa já falecida, a Marina, que era da educação física, e nós constituímos o grupo, estudamos, nos debruçamos neste modelo, é, de proposta de reintegração, tanto que naquele momento o CEFET/Ouro Preto foi o primeiro, antes da reintegração, nós fizemos um modelo, é, do ensino integrado. Por que digo isso? Que tem muita coisa que as instituições fazem, é, que o nós não precisamos ficar assim: “será que o MEC vai deixar, será que o MEC vai permitir?” Olha, se nós fizemos um projeto bom, bem fundamentado e, principalmente, com a comunidade toda, é, motivada, pra reintegrar, por que não? E assim a gente apresentou a nossa, apresentamos, o conselho naquela época, conselho superior, né, eu fazia parte do conselho dos coordenadores, e quando, logo que eu entrei na direção, a gente falou: “não, nós vamos fazer!” E a comunidade ficou do lado, então isso é muito importante porque o MEC não teve alternativa, falasse assim, não. Aí houve a 5154 [Decreto nº 5.154 de 23 de julho de 2004, que estabelece diretrizes e bases da educação profissional], né, que reintegrou. A gente já tava surfando [risos], porque nós já

estávamos com ensino integrados, né, e legal, não estava nada fora da da legalidade, mas já com o protagonismo. Então eu vejo assim a história de Ouro Preto, a história do IFMG ela tá muito recente ainda, né, nós temos aí um contingente de servidores que ainda se ressentem dessa participação do mais antigo campus, e nós precisamos hoje de ter essa integração de fato das instituições. É, não pode continuar, na minha opinião, na minha visão, né, após ter passado pela direção do Campus Ouro Preto, nós não podemos ficar com essa visão de que somos melhores que os outros ou que somos piores que os outros, nós temos que nos unir e fazer o que o Instituto tem lá na sua, no seu objetivo, que é um trabalho coletivo, né. O professor Getúlio Marques, que nessa época também era diretor da rede lá no MEC, ele sempre bateu nessa tecla que o Instituto, Institutos eles têm que trabalhar juntos, porque, é, se nós pensarmos, assim, o potencial de trabalho que a gente tem quando nós estivermos juntos de verdade, não tem pra ninguém! Mas é preciso que a comunidade abrace. E nós ficarmos degladiando entre nós, é, vai ficar muito mais difícil, porque aí eu vou lembrar, me permitam voltar um pouquinho atrás, quando nós já tínhamos o CONCEFET formado, que era muito comum nós escutarmos no CONCEFET a distinção, a diferenciação dos “cefetinhos” e os “cefetões”, isso era muito falado, né, na repartição de recursos, na repartição de código de vaga, de tudo tinha essa questão até pejorativa em relação aos CEFETs que não eram tão brilhantes e nunca seriam, se não houvesse uma equiparação justa e verdadeira entre nós, da mesma forma. Então, transpondo isso tudo pros Institutos, não pode ter um campus que tem o protagonismo, que brilha, que faz tudo, e o outro que fica lá a míngua, então é preciso que essa mesma visão que foi, é, vista, que foi trabalhada lá no CEFETs, nós tenhamos que fazer agora no Instituto, principalmente, no Instituto Federal de Minas Gerais, né. Ainda, nós ainda temos desafios, eu vejo, grandes, mais possíveis, não vejo nada impossível de se construir a partir, dependendo, claro, da boa vontade das pessoas, um pouquinho né, de descer do salto aí. [risos]

Douglas: É, Glória, você foi reitora, né, do Instituto Federal do Tocantins, isso também logo no momento da criação dos Institutos Federais, como surgiu essa oportunidade para você ir lá para o Tocantins e praticamente contribuir com a fundação do IF lá?

Glória: Hunrum. Então, foi mesmo uma lembrança do professor Eliezer. Eu tinha trabalhado bastante na qualidade de diretora do CEFET/Ouro Preto, é, trazendo

recursos, buscando emendas parlamentares, dialogando mesmo com o MEC, né, naquela época e nós tivemos oportunidade também de na primeira reunião do professor Eliezer como secretário de educação profissional, ele, fizemos o Rede e-Tec, né, e ele esteve aqui. Então, coincidiu a posse dele com a vinda dele a Ouro Preto, e nós conversamos muito nessa época, tinha CONCEFET, o CONDETUF e o CONEAF, e nós, as três entidades estavam juntas aqui pra receber o novo secretário, e nós estivemos nesse momento também. As discussões aí do Proeja que estavam incipientes, mas a gente já tinha as conversas do Proeja, mas também já tínhamos outras conversas também em relação às possibilidades de novas frentes dentro dos Institutos, e aí eu já tinha deixado o cargo, já não era mais a diretora, e um belo dia recebi uma ligação de Brasília, achei estranho mesmo, e era o professor Eliezer. Então ele me convidou, me deu um tempinho para pensar e aí eu fui a Brasília, fui recebida pelo professor Eliezer e também pelo Fernando Haddad, né, e eles propuseram que eu assumisse a Escola Técnica Federal de Palmas que estaria sem o seu diretor, que se ausentou por motivos pessoais, né, e se eu topava implantar o Instituto Federal. Então a missão era estar na direção do campus da Escola Técnica para, posteriormente, ter formado IFTO com Araguatins e as UNEDs de Paraíso de Tocantins. Então, foi assim que começou mesmo a história, e foi assim, é, um salto de aprendizado na minha vida porque eu não conhecia o Tocantins, já tinha estado lá uma vez com, num Rede e-Tec, num CONCEFET, e tudo, muita coisa assim que não tava ainda, é, estava por acontecer, né. A escola era pequena, havia naquele momento um convênio com a secretaria estadual, então todos os professores vão... quase todos naquela época eram professores da Rede Estadual, havia um convênio, e aí começaram os desafios, né. O governo do Estado, por dificuldades, resolveu tirar os professores da Escola Técnica, e isso no meio da transformação em Instituto, então tinha que ter professor de matemática já, aí contamos com boa vontade, voluntariado de vários, mas aí, é, consolidamos os cursos, havia já projeto de curso superiores lá na área mecatrônica, na área de construção civil. Então, aí foi a consolidação, né, do Instituto Federal, com muita agência pública, com muita resistência de algumas comunidades, mas, nesse ponto o diálogo lá prevaleceu. Posteriormente, o professor Nelito, que era o diretor da Agrotécnica, ele se tornou o reitor e fez um trabalho bem importante lá, também consolidando os novos *campi* que vieram depois, né. Mas, se fosse olhar hoje, é, o que eu faria diferente se fosse permitido, né, era caminhar com muita calma na expansão, caminhar com muita calma na criação de novos *campi*, porque eles são importantes, eles levam um

desenvolvimento natural pras regiões, mas eles não podem ser feitos de forma atabalhoada, porque aí a gente corre o risco de perder o trabalho, né.

Denis: Você falando aí dos desafios, né, desse momento inaugural de criação dos Institutos Federais e das principais questões levantadas lá da comunidade local e tal, eu queria saber, assim, se dá para fazer algum paralelo nesse processo de criação entre o IF do Tocantins e o IFMG no que tange aí esses desafios iniciais. Aconteceram coisas, assim, semelhantes entre um e outro, ou são processos muitos distintos?

Glória: Eu acredito que foram muitos semelhantes porque, é, da mesma forma que lá nós temos duas instituições, institucionalidades, aqui também, aliás, aqui era até mais, porque eram três, três institucionalidades, dois CEFETs e uma Agrotécnica, lá era uma Agrotécnica e uma Escola Técnica, então, assim, numericamente, menos. Então numericamente, menos possibilidade de conflito, mas havia resistência, sim, das comunidades, exatamente pelo mesmo motivo, como que eu vou reportar a um reitor sendo que eu podia ir direto ao MEC falar com ministro? Esse é o ponto nevrálgico do início da “ifetização”, essa palavra foi evitada, mas aí a “ifetização”, ela passou por essa resistência aí, muito concretamente como que eu vou reportar, né. Por outro lado, qual era o pensamento do MEC, eu vou receber 38 reitores ou eu vou receber 200 diretores de *campi*? É um número fantástico, né, então reitor ele funciona como um intermediário aí. É claro que eu vejo, necessário que exista, eu não sei depois que eu deixei o cargo se isso continuou, mas havia uma proposta de formação desses gestores exatamente para que a reitoria não se transformasse num projeto pessoal ou projeto institucional. Então, vamo lá, é, Palmas vai ter o reitor, porque nós teremos o controle, ou Araguatins vai ter um reitor porque nós teremos o controle, da mesma forma que eu vejo que isso pode ter passado, né, eu tô falando de uma história que eu ouvi, aqui eu não tive nesse momento, né, mas como que Ouro Preto vai abrir mão de ter o reitor do IFMG, ou da mesma forma Bambuí poderia pensar da mesma forma, ou a São João Evangelista. E agora os novos *campi* que surgiram é natural que todos queiram ter esse protagonismo, mas se nós conseguimos evoluir para uma uma proposta institucional e institucionalizada, fica mais difícil isso, porque, lógico que para além dessa vaidade, o pessoal tem que pensar, nós temos que pensar porque vai levar, de verdade, oportunidade pros alunos, de verdade, oportunidade pras comunidades, mas aí é um exercício que não basta

simplesmente a boa vontade, tem que ter a vontade política do MEC de fazer essa formação desses gestores, senão a gente vai ficar, vai continuar patinando nessa coisa, igual menino, né: “ah, colocou mais suco pro outro do que pro meu, e bota os dois copos junto pra colocar ali tudo igualzinho”. Não é isso, então é preciso que a gente, vou um pouco mais, e é claro, aí eu vou fazer uma ressalva, e a comunidade também precisa entender porque senão nós vamos vamos reproduzir nas nossas instituições aquilo que a gente odeia no MEC, aquilo que a gente odeia no Governo Federal, né, e aí se faz uma ação, se foi fulano, a ação foi boa, se foi beltrano, ela teve segundas intenções. Então, nós temos que ter essa capacidade de amadurecimento para enxergar as coisas do jeito que elas são e não do jeito que a gente quer ou que gostaria, ou porque politicamente eu divergi daquela pessoa, né.

Douglas: Bacana, bacana. Glória, falando agora do IFMG, você diz que estava longe desse momento, mas, de repente, você pode falar alguma coisa pra gente que é como que nós tínhamos grandes três grandes lideranças quando foi fundado o IFMG, como você citou, Ouro Preto, Bambuí e São João Evangelista. Como se deu esse processo de negociação entre elas? E aí, só gostaria de fazer um adendo, isso é uma curiosidade que me surgiu, por que você falou que já tinham instituições de Tocantins também, por que não uma liderança de lá tocar o processo, por que eles pegaram curiosamente ainda duas lideranças mineiras, né, primeiro Hércules, que inclusive depois dessas duas lideranças ainda iam formar o IFMG, né, aqui São João Evangelista, aí depois, Ouro Preto? É que eu fiquei pensando nisso, né, tipo assim, aqui nós tínhamos três líderes e a negociação rolou entre eles, por que lá não? E se você sabe alguma coisa dessa negociação, de como se deu essa negociação aqui no IFMG...

Glória: É, o que foi reportado quando retornei, né, já para o Instituto, é que havia um acordo cavalheiros e que haveria um marco de revezamento entre as reitorias no primeiro momento, as três principais instituições, para que se desse oportunidade do exercício do cargo reitor a cada uma delas, né, Ouro Preto, Bambuí e São João, não sei se é nessa ordem, não quer dizer primeiro Ouro Preto, porque foi mesmo, né, [risos] mas na ordem, a ordem seguinte a não sei bem como foi. Mas enfim, eu só acredito que a esse convite, aos mineiros aí, não sei realmente, não sei se pelo fato de eu ter conversado bastante na época e o professor Hércules, nós fomos colegas, né, do

exercício de direção, ou por algumas recomendação aí, eu já não sei, assim, qual foi critério do MEC ao me convidar, né, e até diria que foi, assim, interessante, porque houve a vacância da reitoria no Acre e eles queriam me levar pra lá [risos]. Então eu falei: “nossa aí é muito longe”, né [risos]. Aí eu já fiquei, já declinei do convite porque foi muito longe pra mim, mas eu acredito muito que foi, assim, pela nossa defesa intransigente da educação profissional, pela nossa defesa do modelo por Institutos, que é um modelo muito inovador, mas que é possível, ele é viável, né. E falando um pouquinho, assim, dessa questão do IFMG, eu o acredito que nós precisaríamos de muito mais aproximação, o que a pandemia meio que bagunçou a nossa rotina aí, porque as discussões online elas são ótimas, tem um alcance muito grande, mas a discussão presencial ela te possibilita ver um pouco mais, né, e aí eu não sei, assim, hoje eu não estou lecionando, né, eu não tô com nenhuma aula, e aí é bom também porque eu tô mais livre pra falar [risos], sem essas amarras, sem as firulas, né, que possa acontecer, mas eu vejo que é muito importante o estabelecimento de um diálogo que não coloque como eu vivi aqui, muitas vezes, na comunidade, como se eu fosse, é, apenas alguém que cumpriu o que o reitor determina, né. Isso ficou patente em várias reuniões, vários momentos que nós chegamos aqui, é, porque as pessoas não conseguiram entender corretamente a função e a importância do Instituto Federal, e por várias vezes eu usei dessa prerrogativa de já ter ocupado um cargo de reitor, né, pra mostrar que a função do reitor ela não pode ser de subserviência apenas ao MEC, ela tem que trabalhar em consonância, mas não subserviência. Mas, ao mesmo tempo, é, as comunidades também tem que entender que não podemos trabalhar diuturnamente contra a reitoria, se nós gastamos nossa energia contra reitoria quem perde sempre, e sempre perderá, é a instituição, são os alunos, né, ou seja, em última instância são os alunos, porque eles ficam muito sujeitos a esses rumores dos servidores, isso não é bom. Tem discussões que são justas, tem discussões que são importantes, mas eu não preciso me tornar inimigo e desqualificar meu colega. Eu acho que aí, quando nós falamos de ética do sindicato, falamos de assédio moral no sindicato, praticamos o mesmo em relação aos nossos dirigentes, isso é muito perceptível por parte dos alunos, eles veem, eles veem claramente, e não é construtivo, né, na minha opinião.

Denis: É, sobre essas questões administrativas, essas mudanças de instituições, né, nesse perfil institucional, já que você integra aí a Rede Federal desde 89, né, aí passando

pela ETFOP, CEFET, IF do Tocantins, IFMG, como que você percebeu essas mudanças institucionais, é, houve algum choque, como que foi processar essas mudanças nesse percurso seu aí?

Glória: É sempre muito mais fácil trabalhar naquilo que você transita, na zona de conforto, né, sem dúvida. Então, a Escola Técnica, ela tinha seus quatro cursos, acho que até quando eu entrei, né, eram seus quatro cursos, e, de repente, quando eu fui aluna eram dois cursos apenas, então aí chega um curso novo, como eu vejo, né, o curso quando eu puder criar um curso novo, as pessoas tendem a hostilizar, é, eu acho que é até uma questão de autodefesa, esse curso chegou, então o meu vai perder prestígio, vai perder o espaço, o protagonismo, e dentro da instituição eu vejo que acontece a mesma coisa, guardadas a devidas proporções, né, então quando se cria o CEFET, bom, então agora eu vou pra um lugar que, é, existem lá os “cefetões”, existem aqueles que já dominam o cenário, né, mas é possível a gente trabalhar de tal forma que sejamos reconhecidos, isso não é feito de outra forma que não com muita conversa, né. É, se eu conseguir, na época, ficar no cargo de vice-presidente do CONCEFET, não foi por outro motivo que conversar no cafezinho, nos bastidores e mostrar que Ouro Preto tinha tanto potencial quanto qualquer um deles lá, e que as dificuldades de tudo era inerente às instituições, né. Então esse é o papel que eu vejo de dirigente, ele tem que estar o tempo todo conectado com as realidades da sua instituição e fazer com que ela seja ouvida nas instâncias que ele tiver participando. A realidade do Instituto, ela se torna **mais complexa**, mais complexa porque são várias instituições, são vários *campi*, as distâncias geográficas, elas muitas vezes impedem esse contato mais próximo sempre, né, e tem a questão das condições reais, né, porque nós estamos falando de condições ideais, as condições reais muitas vezes vão interferir. Claro, imagina você não conseguir dar aula porque todo dia falta água, isso vai criando uma resistência muito forte, né. Por outro lado, nós também precisamos ter claro pras comunidades que nem tudo depende única e exclusivamente do gestor, e aí é o problema porque se eu estou na iniciativa privada e uma pessoa, por exemplo, não tá correspondendo, eu posso dispensar e eu tenho um insumo que tá com preço “x”, eu posso buscar esse insumo em outro lugar. O nosso processo, ele é muito mais burocrático, né. Então, quando a gente fala de autonomia das instituições, é até certo ponto. O que eu não posso é chegar lá na papelaria e comprar caneta porque aquela que foi licitada não é boa, né, então são questões administrativas e

nós temos que ter claras. Agora, eu vejo de novo uma questão, quando eu prestei concurso pra escola técnica, eu fiz uma aula prática, uma didática, uma prova didática e uma prova de conhecimentos, hoje já se introduziu a legislação pertinente às instituições para pelo menos forçar as pessoas a se apropriarem de qual lugar que elas estão ingressando. É o lugar que tem objetivos, características, uma legislação que tem uma forma de funcionar diferente de uma universidade, que é diferente de uma pública, uma privada, que é diferente de uma empresa, né. Então, a introdução da legislação nas provas de acesso ao concurso foi muito importante, mas ela não é o suficiente porque é preciso que nós conheçamos um pouco mais sobre os mecanismos de compra, de aquisições materiais, né, é que nós também tenhamos um pouco mais de clareza dessa função social das instituições. Muitas vezes nós queremos tratar a instituição como se fosse não uma instituição pública. E o aluno carente ele tem direito, sim, que nós temos que olhar pra essas realidades e muitas vezes a gente esquece, eu quero trabalhar com aluno que tá bem preparado, que praticamente ele anda sozinho seu não tiver lá, eu acho que não atrapalha, então eu quero ser o próprio, eu penso que eu tenho que ser professor daquele aluno... que justamente é, só eu que ele tem ali, que ele pode contar. E por isso mesmo falta nas nossas discussões a questão, um exemplo, uma discussão da licenciatura em física lá no Tocantins, num determinado momento que nós estávamos discutindo plano de ensino, a grade curricular e tudo, aí eu falei assim: aqui, vocês colocaram a história da educação e não tem história educação técnica, como que pode trabalhar licenciatura numa instituição técnica se não se fala da história da educação técnica? Ela é recente, é uma história muito fragmentada, mas ela existe. Ah, mas não cabe porque na carga horária não vai caber, não vai dá, não sei quê. Tem que caber, nós não podemos ficar só na educação básica e na superior, tá faltando gente aqui, né, então isso quem faz é quem tá ali acompanhando, tem que tá, né. Eu acho que fugi um pouquinho, mas eu acho que é porque tá vindo tanta coisa na minha cabeça. [risos]

Douglas: Não, ô, você...

Glória: Tô muito empolgada! Hum, hum... [risos]

Douglas: Tá ótimo! Ô Glória, as reflexões de forma geral estão muito bacanas. E nessa linha, ainda um pouco, você foi reitora e você foi diretora em duas oportunidades, né.

Glória: Sim.

Douglas: Em Ouro Preto, em momentos diferentes. Eu queria que você falasse um pouquinho pra gente, até como reitora, você já já passou por isso, falar um pouquinho dos principais desafios, tanto do momento de reitora, quanto do momento de diretora, quais são os seus principais desafios que você enfrentou nesses momentos aí da sua carreira?

Glória: Então, como reitora, o principal desafio foi manter o equilíbrio entre as instituições, né, entre cada campus, considerando as dificuldades de cada um, a preocupação constante de dar um tratamento equânime a todos os *campi*, é, nas suas condições, nas suas realidades, porque havia sempre a provocação, né: “não, você tá fazendo isso para Palmas porque Palmas é um campus e tal e você tá favorecendo, obviamente”. Tem as realidades muito peculiares, então quando a gente tá trabalhando, nós temos que aprender, nós tivemos que aprender sobre essas realidades. Por exemplo, na questão de licitação de materiais pros viventes, né, que fala, né, como que você pode esperar se os bichinhos vão morrer? Então, você tem que ter essa, essa esse jogo de cintura, esse bom senso aí pra trabalhar os processos, porque, assim, e tem uma outra coisa que eu acho também que foi bastante problemática e acredito que aconteceu isso também no IFMG, porque o MEC também dava uma diretriz meio que furada, né. A gestão de pessoas, né, vai ficar toda com a reitoria, aí juntando aquela papelada toda de todos os servidores e colocamos na reitoria, muito bem, um servidor lá de Araguatins, que fica a 978 Km da reitoria, teria que se deslocar para resolver questões na reitoria atinentes a sua pasta funcional. Não faz o menor sentido, né, e aí conversando com o pessoal de Ouro Preto, aconteceu a mesma coisa, a papelada foi toda para Belo Horizonte e depois tiveram que voltar com a papelada toda para trás porque é uma questão de bom senso também, né, e assim que a gente aprende fazendo, não tem outra forma. Como reitora, então o principal desafio era esse, era mostrar que o tratamento, ele era isonômico entre os *campi*. Como diretora agora de um Campus, e não mais de

uma autarquia independente, era o tempo todo brigar pela oportunidade, defender esse campus perante a Reitoria, esse é o papel do diretor, ele tem que ter claro que ele defende o campus, mas ele também tem que ter claro que ele faz parte de um coletivo, ele não está sozinho e existem limitações aí em relações a atuação de cada diretor, porque nós temos um Colégio de Dirigentes. Então, quando se criou o Colégio de Dirigentes para os Institutos Federais, e na época eu fui voto vencido, eu e alguns colegas, né, nós fomos votos vencidos porque nós achávamos importante a participação dos pais, e isso foi rechaçado porque muitos futuros reitores não concordavam com isso e nós acabamos perdendo essa parada. Aí a gente não pode ganhar sempre o tempo todo, mas até hoje, se eu fosse falar assim, “você pode colocar uma coisa nos Institutos”, eu colocaria a participação dos pais no conselho, é, nos conselhos, porque eles são extremamente importantes, né. “Ah, fica aparecendo colégio”. Não, não fica aparecendo, porque as famílias hoje, elas estão diferentes, os alunos, eles têm outra percepção da escola, e nós não vamos fazer amigos da escola se os pais não estiverem juntos, nós vamos fazer alguma coisa que considera a comunidade... Então, fechando parênteses, né, então, eu defendi, eu procurei defender o Campus de Ouro Preto como diretora de Ouro Preto. Mas, eu também tive que ponderar, e fiz isso porque algumas questões emanadas da reitoria eu enxergava o IFMG, eu não enxergava isoladamente, o meu campus, eu não enxergava o meu isoladamente o campus “a” ou “b”. E aí, realmente, houve conflito porque a minha comunidade queria que eu os defendesse, é, em detrimento dos outros, e pra mim isso não era justo, não era. Eu tive algumas atitudes que foram incompreendidas, mas eu fiz com clareza de convicção minha, né, por exemplo, em relação ao poder do MEC, à distribuição dos cargos. Não era justo que os cargos todos ficassem em Ouro Preto ou uma grande parte, sendo que já existia um modelo e esse modelo já tinha sido apresentado a todos os reitores, então o reitor que nos precedeu, era obrigação dele ter apresentado à comunidade que existia um modelo nos Institutos Federais, um modelo de campus e uma distribuição de cargos dentro desses campus. Então esse momento foi muito, muito conflituoso, incompreendido por muitos. Mas também, graças a Deus, muita gente entendeu a lógica da minha do meu argumento naquele momento. Houve um custo pra isso porque eu também poderia ter pensado na época, né, em me candidatar novamente e avaliei que a comunidade não, não estava, é, no momento de compreensão do meu papel naquele momento, então aí, realmente, acho que foi uma decisão minha. Se foi aceitável ou se não foi, o tempo dirá, mas eu falo em relação a me afastar, né. Mas em relação às decisões de cumprir o

modelo MEC naquilo que era distribuição de cargos, eu fiz com muita, plena consciência do que dava para fazer, né, é lógico que isso não impediu que durante a gestão eu não pleiteasse recursos, como todos os diretores tem que fazer, eu não pleiteasse ajuda da reitoria pra algumas ações que nós temos que fazer, e não refutei disso, tanto que a gente conseguiu a reforma do alojamento na época, reforma do, a construção na verdade, a conclusão do novo restaurante... Campus antigos têm essas coisas, muito trem estragando aí né, rede de água ainda com fungo, o pvc não existia naquela época, então são os desafios, mas ser gestor é o tempo todo lidar com esse desafio, não pode fugir do pau não [risos].

Denis: Glória, acabou que você já entrou nessa questão, né, das disputas entre os campus e das diferenças entre eles, né. Na verdade, o IFMG, ele nasce da composição de três grandes escolas, né, e três escolas que já tinham aí a sua a sua história a sua trajetória da própria na Rede Federal de Ensino, né. Então, assim, são escolas diferentes, pessoas diferentes, visões diferentes e projetos diferentes, e como que você enxergava esses projetos e essas disputas aí, é, no próprio IFMG, dentro do IFMG, entre essas três escolas?

Glória: Sim. É, como boa mineira, desconfiada, né [risos]. Ah, gente, claro, eu tinha conhecimento aí dos com os diretores, de alguns colegas também, já tinha em algum momento, é, trabalhado juntos e tal, mas eu com... hoje é muito mais fácil até de olhar pra essa situação e entender que as desconfianças, elas eram mútuas, né, e eu diria mais, no momento que eu chego a tendência era de que as desconfianças, elas ficassem mais, muito mais exacerbadas em relação à Ouro Preto, óbvio, se eu sou notificada que havia um combinado, de que a Reitoria ela se daria de forma revezada, né, e um reitor ele se recandidata e se impõe sobre os demais, então já não é uma coisa, na minha opinião, uma coisa honesta como combinado, né, a palavra é um pouco forte, eu não achei outra, mas, assim, não foi coerente [risos]. Mas, não foi coerente com o combinado e isso não está, é muito ruim porque você transpõe pras instituições uma coisa que é da política externa, a política municipal, estadual, federal, a política é eletiva, nós não podemos trabalhar nas nossas instituições pensando dessa forma, porque aí, por mais que as pessoas digam, “ah, não eu vou saber as propostas pra votar no fulano”, balela, as pessoas não vão votar em uma proposta, muito raramente, você não vai ver

genuinamente o interesse por uma proposta de gestão, o que a gente vai ver é uma correlação de forças, é uma disputa, é, inclusive, ideológica, inclusive, com a participação do sindicato, e aí é um problema porque nós estamos misturando muitas coisas, muitos interesses, muitas variáveis numa situação que deveria ter uma única visão, uma única proposta, a instituição, né. Então, porque quando tem um debate, raramente se fala da proposta e na maioria das vezes vem o que, as agressões, vem a desfaçatez [risos], vem as insinuações, acusações, porque isso dá Ibope. Nós não estamos no programa de calouros, então isso me incomoda, eu participei de alguns processos aí eleitorais e no início a gente fica muito machucado, fica muito ferido. Eu, pra vocês terem uma ideia, na minha primeira eleição foi difícil, nós vencemos. Quando eu me recandidatei à direção do CEFET/Ouro Preto aí já foi outra história, eu fui extremamente agredida, só não fui fisicamente, mas se você considerar que no momento do debate os alunos foram instados a atirar bolas de jornal na minha pessoa, enquanto eu estava falando, isso foi uma agressão física... Só que eu não tinha a visão que eu tenho hoje, hoje eu teria que ter feito uma queixa-crime, né, contra as pessoas que incitaram esses alunos. Nós tínhamos feito uma licitação de uma Van, que era bem naquele momento do escândalo das ambulâncias, não sei se vocês se recordam disso, que havia um superfaturamento de compra de vans, só que eu tinha uma emenda parlamentar para aquisição de quê, de uma van para a condução dos alunos em visita técnica, e no processo da licitação, para sintetizar a história, é, eu aceitei, né, um item que não estava no edital, que era o freio ABS. Muito bem, esse fato foi levado às últimas consequências, houve uma denúncia de que eu havia superfaturado essa van, ou uma denúncia de que havia, é, me favorecido financeiramente com essa licitação, e exatamente no momento eleitoral na instituição, e, pasmem, os meus colegas usaram esse fato para jogar na comunidade de forma totalmente irresponsável, eu sofri um processo administrativo que quase me custou meu emprego na escola técnica, né, no CEFET na época. E, assim, as pessoas, e quando eu tava com os auditores, porque eu recebia os auditores e eu chamei os candidatos, vão lá, vão conversar com os auditores se vocês estão duvidando da minha palavra do processo foi feito, vão lá falar com eles cara a cara. E aí eu recebi a resposta magnífica, né: “não interessa”. E eu falo isso hoje, já não falo com rancor, nem com mágoa, eu falo isso pra atestar que quando esse tipo de relações humanas, nós estamos nos desumanizando, as pessoas não conseguem enxergar um colega, eles enxergam inimigo, nem é adversário. E aí fica muito difícil você ter essa vivência, você, os seus e as suas crenças, os seus princípios dentro da educação, e

lidar com situações que extrapolam muitas vezes o debate... É muito importante o diálogo, nem se fala apresentar divergências, nós temos que divergir, sim, mas no campo das ideias, a partir do momento que você deliberadamente prejudica o colega, você já extrapolou todos os princípios aí de ética, de convivência, de tudo, né. Então, é, “vamos moralizar”, na época se falava era isso, “vamos moralizar o CEFET”, e moralizaram tanto que eu tinha na época dois filhos estudando no CEFET e eles trocaram, saíram da escola porque eles não suportaram a pressão dos colegas, né, dos alunos. “Sua mãe trocou de carro”. Nem paro de carro, mas, enfim, “trocou de carro porque ela roubou”, “você tá aqui porque sua mãe”, esse tipo de coisa que numa instituição de ensino de educação ela não poderia ser admitida nunca, mas é nunca mesmo. Então, e aí, só que quando eu estou diretora Campus Ouro Preto, já com toda essa carga de pancadas de tudo quanto há, então eu já tô muito mais fortalecida, e aí eu fiz o que eu julguei correto em relação a reitoria, né, tive, sim, tive momentos embate, os colegas que participavam do Colégio de Dirigentes, do Conselhos Diretor, também podem atestar que não foi simplesmente a minha participação, não foi um sim senhor ao reitor, mas foi um sim senhor ao Instituto Federal de Minas Gerais. Porque o Instituto, ele tem que está acima dessas questões, né, é importante esse registro, é, eu, assim, né, vocês me desculpem se eu fui até mais além da pergunta, mas é porque são questões que fazem parte história, que se ela não é contada, né, como que as pessoas vão enxergar se era esta. Então é com muita tranquilidade mesmo que eu falo, eu não tenho problema lá no Tocantins, eu estive há dois anos com os meus adversários, a gente teve, assim, momentos de confraternização, isso é saudável, você pode ter divergências, mas você não pode a custa disso criar inimizades e muito menos reproduzir para os alunos aquilo que a gente critica no outro. Então, se eu critico no outro, eu tenho que ser passível de ser criticado também, é isso. [risos]

Douglas: Bacana, bacana, bem interessante. E aumentando a proporção, e, vamos dizer assim que a pergunta que você acabou de responder fala de disputas em torno dos três *campi* formadores, hoje são 18 *campi*. Como você percebe essas disputas e essas relações de poder agora com esse crescimento dos cinco iniciais, podemos dizer, né, os três *campi* e as UNEDs (Formiga e Congonhas), e agora são 18, como você viu essa mudança, como se dá essas disputas hoje segundo sua ótica?

Glória: É, agora um território muito mais, muito mais assim... de disputas não tanto, né, mas eu acredito também que nesses 10 anos as pessoas já conseguiram enxergar que existem mecanismos que não passam necessariamente pela pessoa do reitor, né, então, tá se criando o entendimento de que órgãos colegiados, eles têm importância e eles podem se tornar muito mais importantes do que simplesmente você ter a figura de um reitor à frente. E aí como exemplo eu citaria, assim, é, nós teríamos nesse coletivo de 18 *campi*, obviamente, que numa composição de uma Reitoria não daria para ter, é, o favorecimento de um campus só como houve no início do IFMG, praticamente todo *staff* de Ouro Preto migrando para a Reitoria, né. Então isso já é um entendimento de todos que, independentemente do campus de origem do reitor, nós temos que ter uma composição de afinidades, de afinidades em termos da pesquisa, da extensão, da administração, porque se nós fizermos apenas indicações políticas esse terreno de disputas ele se mantém. Mas, se nós conseguimos trabalhar muito mais nas afinidades pedagógicas, administrativas, nós podemos ter um Instituto muito forte, um instituto muito maduro, pra sentar, por exemplo, com a Secretaria de Estadual de Educação, porque a gente ainda carece desse papel, eu acredito. Tá, eu vivi aqui um período que eu gostaria de ter estado muito mais próxima da Prefeitura, da Secretaria Municipal de Educação, isso se fosse fazer avaliação eu colocaria como uma falha que a gente não conseguiu vencer, de trabalhar de verdade com o município. Fora que é interessante para os alunos de Ouro Preto estudarem no IFMG de Ouro Preto, né, e muitas vezes eles não conseguem por dificuldades tantas aí, que às vezes nós não conhecemos, que às vezes nós poderíamos ter dado oportunidade, e aí ficou essa falha que eu queria ter avançado mais, né. E aí, óbvio que eu falo isso porque eu acredito que cada um também deveria buscar essa inserção no município. Como é que fala mesmo? Assim, a ligação mesmo, com identificação do projeto do Instituto. Olha, nós vamos, nós queremos ser fortes, foi feito o pedido, então, nós temos as nossas fortalezas, temos, as nossas debilidades... nós queremos atuar em tais e tais áreas, então vamos procurar fazer com que esses esses mecanismos e instrumentos que a gente tem, é, esses documentos que são foram construídos coletivamente, eles valham, né, de verdade, e não simplesmente um documento bonitinho, eu acho que falta isso do que discutir. Assim, se o reitor vai ser de Bambuí, se o reitor vai ser de Valadares, Lafaiete, mais que isso, ele tem que ser, é, ele tem que emergir de uma conexão, assim, com o que se pensa do Instituto. Pode mudar? Pode e nós temos que mudar, nada é estático, né, a gente, a instituição é dinâmica, mas tem que ter coerência.

Denis: Glória, é, um fazendo um exercício aqui de memória, né, memória em relação aos espaços e locais, assim, dentro do IFMG, quando você ouve a palavra IFMG tem algum local, espaço ou lugar que vem aí à sua memória, e qual exatamente?

Glória: Ouro Preto [risos]. O espaço do IFMG pra mim, o campus de onde eu venho, né, e eu vejo assim, ah como campus, né, e se você me falasse assim de pessoas, IFMG, aí eu já te responderia Colégio de Dirigentes, eu acho que ali é o lugar que nós temos que brigar muito, mas nós temos que ser muito responsáveis com a instituição que a gente tá trabalhando junto, assim, na gestão, né.

Douglas: E ainda nessa linha de uma memória, né, mais material, espacial, tem alguma construção específica que te impressiona positivamente quando você a vê?

Glória: É, tem uma construção que é muito, tem uma relação afetiva, né, que é um ginásio, o ginásio do Campus Ouro Preto. Por quê? Quando eu assumi a direção e 2003, ele estava condenado, ele ia desabar e foi construído um projeto do arquiteto de Ouro Preto, filho do professor Tibiriçá, ele fez o cálculo desse projeto. Aconteceram todos os grandes momentos do campus, desde o esporte para o qual ele foi criado, mas também os fóruns, as assembleias, né, os momentos de discussão do campus, e também as nossas formaturas, os bailes aconteciam lá, então, assim, o ginásio sintetiza pra mim uma vida da escola, né. E nós conseguimos naquela época também uma emenda com o já falecido deputado Sérgio Miranda que destinou uma quantia significativa para reconstrução desse ginásio, né. Nós reestruturamos o ginásio e foi feito de uma forma, assim, muito bacana, né, porque com todas as dificuldades nós conseguimos evitar que ele colapsasse, então, assim, é emblemático pra mim esse ginásio. Lamentavelmente, eu não consegui inaugurar a obra, a finalização da obra, mas eu me sinto, assim, muito parte de um espaço que não foi extinto porque a gente conseguiu impedir, né, então é emblemático pra mim, muito emblemático o ginásio.

Denis: E sobre essa proposta do ensino profissional e tecnológico, essa proposta contida lá na lei 11.892, você acha que essa proposta de ensino ela vem sendo aplicada tal qual a lei ou ainda há uma distância entre a letra da lei e a prática, por exemplo, no IFMG?

Glória: Sem dúvida que há um distanciamento. É claro que, nós vemos, se a gente observar apenas o que está contido lá nas diretrizes curriculares e tal, tá ok, então nós estamos seguindo o que determina as diretrizes curriculares para cada curso e tudo mais, mas em relação aos objetivos Institutos, eu vejo que nós ainda estamos a desejar na questão da inclusão, na questão da vinculação do ensino, da pesquisa e da extensão, a gente precisa caminhar mais, né, nessa disputa que ainda existe. Então, nós temos o ensino integrado, mas nós ainda não entregamos, lamentavelmente existem as cadeiras técnicas e as propedêuticas, básicas e etc... Então a gente não consegue enxergar uma unidade aí nessa formação do aluno. Eu também recinto da integração no sentido de mobilidade do aluno, né, aquilo que o Instituto quando começou, de se fazer o intercâmbio entre os alunos maior, entre os servidores, não simplesmente de estar no lugar, mas de trabalhar mesmo, procurar mais cursos, em coletivo, isso é fundamental, porque a gente pode pensar avistar o que tem de melhor. Não adianta, imagina que cada campus faça uma licenciatura em matemática, é surreal, ao passo que se nós tivéssemos uma licenciatura para matemática muito forte, ela seria imbatível, e nós temos condições de fazer isso, eu dei o exemplo da matemática, poderia ser outra área, então, assim, é preciso que a gente trabalhe um pouco mais nesse sentido de trabalhar coletivamente, né, isso está na lei, então a gente estaria de acordo com o princípio dos Institutos e fazendo um trabalho mais efetivo, né, o que eu vejo assim de imediato, né.

Douglas: E até pegando um pouco ainda nessa, nessa questão, na sua visão, como que se efetiva essa relação ou como deveria se efetivar essa relação entre o IFMG, a comunidade externa e o mundo do trabalho?

Glória: Hum, e o mundo do trabalho... Bom, aí são, são realmente, a gente tem que pensar a partir dos colegiados que a gente tem, né. O IFMG, ele e a comunidade pra mim começaria por receber um pouco mais as entidades dos municípios, né, onde a empresa, pequenos comércios... Porque, muitas vezes, nós só pensamos na indústria ou

na agropecuária ou na agrotécnica como aquela função última, mas tem tantas outras funções que dependem delas, então as escolas elas teriam que ser mais abertas, né. Quando se faz, por exemplo, feira, nós vemos que as pessoas se surpreendem com as nossas instituições, então, é abrir mais as escolas, é difícil, temos dificuldade com a vigilância, com o patrimônio e tudo, mas isso tem que ser experimentado, né, e o mundo do trabalho nós precisamos reconhecer o novo mundo do trabalho que tá para nós aí, né. Um sonho que eu tinha como diretora, que eu não consegui também, aí já é no segundo, né, era essa promoção de estágio, micro estágios para os professores, e alguns técnicos também estão ali diretamente ligados, micro estágios nas empresas, nos lugares nos quais os nossos alunos potencialmente poderiam trabalhar, né. Nós, e aí eu tô falando como docente, nós nos distanciamos muito desse mundo do trabalho, pela função, pelo dia a dia, por ter prova para corrigir, trabalho, não sei o quê. Então a gente se distanciou disso. Uma questão que na época que se debateu no sindicato dos tecnólogos foi exatamente isso, os professores do CEFET/São Paulo, eles tinham, a maioria, 40 horas sem dedicação exclusiva, o que fazia com que muitos deles atuassem na iniciativa privada e isso era importante porque eles levavam essa visão do mundo do trabalho. A dedicação exclusiva, na minha opinião, ela impede essa atuação porque eu não posso simplesmente chegar na empresa com uma visita, a não ser que eu faça parte de um programa de visita técnica. Mas o micro estágio propiciaria que eu estivesse na empresa, que eu estivesse lá como a gente fala aqui, né, “no chão de fábrica”, até para incrementar as minhas aulas, incrementar o meu modo de trabalhar na sala de aula, e aí, claro, não tô me referindo exclusivamente aos professores de disciplinas técnicas, pelo contrário, eu acredito que essa vivência ela é necessária ao professor de filosofia, muito necessária. Gente, minha bateria tá acabando, eu vou ter que conectar aqui rapidão, rapidão.

Denis: Sem problema.

Glória: Se cair, eu volto hein [risos]. Eu ia liga.... Cadê a tomadinha? [Inaudível: 1:49:05 a 1:49:38] Foi? Voltamos! [risos] Eu não quis, não quis ligar antes pra não atrapalhar. Eu, a bateria foi embora, mas agora tá tudo bem então, aí, retornando a questão da vinculação com a comunidade, são esses os meus pontos de vista, as minhas concepções em relação à essa aproximação, né. Não pode ser simplesmente assim, a

escola ser aquela referência: “ah, porque meu filho estuda lá”, tem que ser um pouco mais do que isso, né, ela tem que trazer mesmo essa possibilidade do trabalho pro aluno. É legítimo que ele queira prosseguir os estudos, que ele queira fazer a faculdade e tal, e esse foi o desafio que nós tivemos. Muitas vezes não vão se esgotar, eu acho que isso vai continuar por algum tempo, eu tinha, por exemplo, uma turma de mineração, talvez uns quatro quisessem seguir essa área, o resto era medicina, era psicologia, né, queria, sei lá, teatro, então, ah, e é legítimo, mas eu vejo muito por conta da falta de perspectiva, né. O jovem hoje ele é imediatista, ele quer trabalhar também, ele quer ganhar o dinheiro e tem que fazer isso mesmo. Mas, como, se ele não vai ter reconhecimento, né? Como trabalhador a gente tem que repensar e aí eu acho que é uma discussão que necessariamente os sindicatos têm que estar juntos, não só o sindicato nosso de categoria, mas os sindicatos das empresas locais e tudo, porque sem essa participação quem é que tá vendo as coisas acontecerem são eles, né.

Denis: Você, ô Glória, você falando em relação a alunos, né, e interesses, em quais cursos deveriam prosseguir e tal, queria te perguntar em relação ao modelo de ensino ofertado no IFMG. O que torna esse modelo de ensino sedutor ou diferenciado em relação a outros modelos de ensino por aí, por que a procura do modelo de ensino do IFMG?

Glória: Humrum. Bem, a primeira questão que eu vejo é sem dúvida a possibilidade da prática, né, aí falando de um curso técnico que onde eu transito e o superior também que foi onde restava, é, a questão prática, então poder vivenciar a prática da profissão dentro da instituição. É um pouco mais complexo hoje, às empresas não estão mais abertas assim aos estágios, muitas restrições, inclusive de cunho legal mesmo, né, de alguns juízes que não entendem muito bem essa desvinculação do estágio, né, do período que o aluno está na sala de aula. Então eu vejo contradições por parte dos órgãos de controle, é justamente porque eles não conhecem as nossas realidades, então a gente entra num círculo vicioso, eles não conhecem a escola, eles não conhecem alguma dificuldade e ficam legislando em questões e vão nos impedir de atuar. É aquela história do profissional que vai procurar trabalho e pedem experiência, se ninguém nunca vai dar oportunidade, nunca vai ter experiência. Então nós estamos perdendo isso ao longo do tempo, há uma perigo de se voltar isso, né, com essas investidas do governo federal em

relação às instituições, porque se de um lado o MEC hoje propôs a questão dos saberes, você reconheceu os saberes, isso dá para colocar atrás, isso não é novidade, o que faltou foi a gente implementar isso e aí vira mérito de quem chegou para coisa já pronta, né. É, eu acho importante você reconhecer saberes, o Instituto de Brasília fez isso com muitas áreas, principalmente na área de construção civil em que um eletricitista prático ele detinha muito mais conhecimento do que às vezes até o professor, né, mas faltava a complementação teórica, o entendimento do porquê dos fenômenos e tal. Isso é possível, isso é muito possível de acontecer, mas eu não posso estar numa instituição que os próprios docentes, aí eu vou colocar uma questão que eu fiz, uma preocupação que é: ah, não eu vou trabalhar com a pós-graduação, ok, mas eu também tenho que me ocupar do técnico, eu também tenho que me preocupar do proeja, o proeja não morreu só porque os alunos sumiram, os alunos também foram expulsos das escolas quando eles não conseguiram se reconhecer nas escolas, né. Eu tenho que entender aquele, eu tenho que saber que a realidade dele é totalmente diferente, mas a escola tá lá é pra ele, assim, o modelo pedagógico ele tem que estar de acordo com as diretrizes e as dúvidas, as cargas horárias necessárias e tudo mas não podem ser só, e isso eu não tô falando pra me insurgir contra o sistema, mas nós temos que pensar em qual profissional que nós queremos formar porque se essa clareza também, eu falo, eu vou formar apertador de parafuso ou então eu vou trabalhar no Instituto fazendo de conta que é universidade, e aí eu só quero trabalhar na pós-graduação, eu só quero orientar trabalho, isso tem que mudar. Agora, não muda no estalo de dedo, muda com um debate sério, né, é difícil porque toda vez que eu falo de debate, eu também sei que nós vamos chamar o povo pra debater e o povo não vai, nós vamos chamar no auditório ou seja lá onde for, na internet, e as pessoas vão falar assim: “ah não, não vai dar certo, ah não, isso aí eu já quis, né. Então é preciso que a gente insista, não desista. [risos]

Douglas: Muito legal, muito legal. E mudar um pouquinho de assunto agora, mas se você foi a primeira mulher a lecionar na área técnica, né, de desenho, como você e também foi a primeira mulher a exercer o cargo de diretora do Campus Ouro Preto, se eu não tô enganado, que pouco mais de 70 anos de história tem o Campus, a quem você atribui essa situação?

Glória: Bom, o ensino técnico ele era visto muito, na origem, né, para os desvalidos, e os desvalidos eram as pessoas que iam trabalhar nas empresas, que tinham uma qualificação muito específica do mundo masculino, né. Se a gente analisar, é muito recente o... Eu poderia quase nomear as alunas que estudavam na minha época entre 76 e 78, eram pouquinhos, pouquinhos alunas, tinha poucas professoras e a maioria delas era em Português, na Biologia, né. Tinha os espaços femininos, digamos assim, na secretaria, então tinha coisas das mulheres e coisas dos homens. É, a partir do momento que nós começamos também a participar desse universo, da minha turma de mineração, a primeira saiu, a primeira técnica de mineração da Petrobras, técnica mulher, né, foi da minha turma, tanto que ela foi homenageada na festa nossa de aniversário por esse protagonismo, né, que nos deixou bastante animados. E tudo de hoje, a realidade é bem diferente, né, a gente tem muito mais mulheres atuando, que bom, mas, e ser a primeira diretora eu acho que foi um pouco de, eu não sabia direito o que eu tava fazendo, [risos]. Eu sabia que eu queria ser diretora da escola que eu amava, que eu estudei, eu tinha muito afeto pela minha escola e sempre quis lecionar, então as coisas caminharam assim nesse sentido aí. E fui conhecer também aí, é, perto da área pedagógica, na época, nós fizemos vários cursos, eram proporcionados, assim, cursos de liderança, cursos de aperfeiçoamento, e num desses cursos eu conheci como potencialidade de liderança, aí que eu pensei, por que não? E aí você já viu, né, joga a ideia e alguém... Mas eu não falei assim, eu vou entrar e vou ser diretora da escola. Eu atuei nas coordenações, eu atuei em todos os espaços que falava assim: “teve participação, eu queria estar lá”, queria pra entender, queria para fazer um trabalho melhor e a gente troca, consegue participando de outro jeito, é, eu tinha colegas que vão voltar para casa, não conheciam nada da escola, não sabiam nada que tava acontecendo, mas é de cada um, né, eu não conseguia me ver na escola entrando e saindo, dando aula e indo embora, era muito pouco pra mim. Sempre, sempre gostei muito de conversar com os outros, isso é um pouco até da natureza, e aí surgiu essa ideia, tanto que na época: “você é doida, você vai abandonar sua família”, porque aí vem as vozes contra, “você vai abandonar seus filhos, você vai perder seu marido, você vai num sei quê e tal”, e um terrorismo muito grande. Porque, imagina, direção de Escola Técnica com ela mesma, não era coisa pra mulher, não era lugar pra mulher, né, no CONCEFET a mesma coisa, éramos três diretoras mulheres, eu acho que agora tem duas reitoras. Nesse universo nos *campi* do IFMG tem quantas diretoras? Uma só, né, ou nenhuma, acho que nenhuma, então, assim, é só as questões que a gente precisa trabalhar, liderança, precisa trabalhar identidade,

identidade com a instituição, a cultura da nossa instituição, e que ela tem que ser diferente do IF Sul de Minas, tem que ser diferente do Ceará, tem que ser, né, mas pra isso a gente tem que ser forte, não é só ficar fazendo propaganda, tem que ser forte mesmo. É tão bom você ouvir falar assim: ó, um aluno conseguiu uma bolsa, ele foi para o intercâmbio, ele foi pro exterior, né, um servidor nosso foi premiado, isso é muito importante. Mas não acontece se não tiver um esforço coletivo, não tem jeito, não tem jeito.

Denis: Glória, bacana, eu queria saber de você também, já que você tocou nessa questão, né, de ser a primeira mulher a lecionar na área técnica, ser diretora-geral, do Campus, do IFMG, primeira também a ser reitora, queria saber então quais seriam, quais foram seus principais desafios como mulher e quais os principais preconceitos que você enfrentou aí como mulher nessas áreas? Sobretudo de direção, ocupando cargos de direção e liderança.

Glória: O primeiro desafio, eu acredito que foi, assim, é eu ter crença em mim mesma, porque às vezes eu falo alguma coisa e soava como coisa sem sentido ou então como até um delírio o meu, né, então eu tinha que acreditar naquilo que eu tava defendendo porque muitas vezes eu escutei: “isso não vai dar certo”, né, e várias situações vi que homens propondo eram aceitas e mulher, uma mulher propondo: “isso não vai dar certo”. Então, era acreditar em mim para que aquilo desse certo, e as vezes que eu não acreditei não foi legal, não deu certo, né. É, a fundação, uma fundação que eu apoiava no CEFET Bambuí, esqueci o nome deles agora, mas eles, enfim, eles davam recursos para as escolas, naquela época eu liguei, eu fiz uma visita a Bambuí e falei: gente que legal, olha, eles têm um laboratório, eles tem um ônibus que sai com ensaio de solos, não sei o quê, e a gente podia pensar numa coisa dessa aqui pra escola. “Não, não vai dar certo, já vem você inventando coisa, né, pra, inventando moda”. E eu lamento profundamente eu ter não ter confiado nessa visão, então, porque eu acabei deixando pra lá, óbvio que eu não podia fazer sozinha, mas eu deveria ter insistido na ideia e nós poderíamos ter uma parceria na época muito boa. Então eu vejo, assim, ao passo que quando eu botei o pé no caminho, que eu fui atrás de recurso, que eu consegui implantar um curso novo, que eu consegui um laboratório, que eu consegui uma obra qualquer que fosse, eu falei, então é por aí. A gente tem que caminhar no sentido: de ah, o

professor lá falou que eu tô fazendo puxadinho, não interessa, o prédio está pronto, a outra falou que eu tô fazendo um remendo, não interessa, a sala tá funcionando. A outra tá falando não sei o quê, não interessa, tem lá, tinha na época datashow em cada sala, isso é importante, é você acreditar e correr atrás, né. Então, ser mulher nesse ponto é mais difícil. Como reitora, além de você lidar com os diretores, e aí os outros todos homens, né, então, não ser tão dura que eu não parecesse robozinho, né. Eu sou uma mulher, então eu tenho as minhas críticas, eu gosto e mas, ao mesmo tempo, eu vou provar pra eles que eu tenho a mesma capacidade, e aí não vem, não vem desqualificar a minha fala, não, porque não é legal, né. Então, uma coisa que eu também aprendi a poder falar as coisas sem ser agressiva, mas defendendo aquilo que eu acredito, e sempre que eu defendi, eu acredito, podia ser de todo mundo. Mas deu certo, né.

Douglas: Ô, eu não sabia que você tinha sido aluna, né, então dá pra fazer essa pergunta, aquela retrospectiva maior. Dessas pouquíssimas alunas do curso de mineralogia do ano de 76, depois da professora de 89 e até, aí estamos aqui em 2021, até 2019 quando você tem diretamente lidado, você percebeu uma mudança nessas questões de gênero? Como é que você faz esse balanço dessa aluna de 76, essa professora de 89, pra já passar tudo isso, diretora, reitora, docente? Em relação à questão de gênero, você viu alguma mudança?

Glória: Mui... vi, e vi uma mudança muito positiva, porque, é, se na época que eu estudei a gente ainda tinha resquícios do governo militar, né, é, de um governo muito autoritário, e tanto que era muito comum nós ouvirmos assim: “ô, tem ambientes para os homens e ambientes para as mulheres”, “vocês tão fazendo o curso técnico, mas vocês não poderão atuar em tais e tais áreas”, isso houve muitas, inúmeras vezes. Era comum também nós participarmos de palestras e tudo e ouvir que, é muito doido, né, “a sociedade tem aqueles que mandam e aqueles que obedecem”, eu cheguei ouvi isso. Então, assim, é muito complicado porque não era, não batia com o que eu pensava da vida, né, mas, obviamente que eu tive colegas que terminaram curso e foram cuidar de casa, de marido, de filho e tudo, houve situações dessa natureza mesmo. Hoje eu já vejo as alunas se posicionando, ocupando espaços, gente vê assim o protagonismo do grêmio, no grêmio acontece muitas vezes que as meninas insistem e elas são organizadas também, né, é, não que os meninos não sejam, mas elas, elas encaram isso

como, como uma questão também que é feminista, mais do que feminista, né, é, uma questão que pertence a nós. Também como, depois como professora eu vi que nós poderíamos, sim, falar, nós poderíamos, sim, ser ouvidas e mesmo as resistências nós poderíamos, sim, trabalhar pra quebrar um pouco esse preconceito, né. É por isso a minha crítica às vezes ao sindicato, vai nesse ponto, porque eu senti em alguns momentos um pouco mais de desrespeito do sindicato em relação à pessoa da diretora do que de alunos ou do que de alguns colegas, entende? Então isso é para a gente refletir, eu se eu defendo não assédio, eu tenho que não assediar também, né, em qualquer nível, em qualquer instância, respeito é bom e a gente gosta. [risos]

Denis: Bacana, no caso, assim, você falou de ser ouvida, né, por outras pessoas, nesse ambiente aí dominado, é, por homens, né. Você teve que adotar alguma postura específica, algum posicionamento específico para ser ouvida? E outra questão, como você enxerga aí o papel das mulheres na atividade, assim, de gestão, principalmente aí no IFMG, por exemplo?

Glória: Tá. Eu acho que essa questão da estratégia, eu vejo muito, muito pessoal, eu sempre, pelo fato de eu ter essa identidade com a docência, eu sempre me preocupei com a situação do: ele tá entendendo aquilo que eu tô falando, né, isso sempre foi assim, se ele tá aprendendo, se ele tá me entendendo, se aquilo tá fazendo sentido pra ele, né. E, obviamente que não é questão da gestão, em algumas situações você também tem que ensinar, né. Olha, isso aqui faz sentido, isso aqui é uma proposta, e nós, tá analisando tal situação, isso procede? Então, eu vejo muito mais assim, tentar tomar decisões a partir de análises. Uma coisa que eu já fui muito, eu era muito tímida, né, e às vezes as pessoas confundiam isso com medo, ou então confundiam isso com uma pessoa que não tem pulso. Eu, muitas vezes, ouvi isso, “você tem que ter mais pulso”, “você tem que falar mais alto”, “você tem que gritar”, “você tem que bater na mesa”. E as vezes que eu tentei ser o que eu não era também não foi legal. O meu jeito é esse, então eu só sei atuar desse jeito. Agora, quando eu tomo uma decisão, aí na minha vida sempre foi assim, eu assumo as consequências sejam elas para o bem ou o mal, mas eu vou até o fim, sabe, eu não fico assim, é, eu tomei aquela decisão e agora vou falar que não tomei, eu vou “desfalar”, né, tá muito na moda “desfalar”. Eu posso rever, é diferente, eu posso considerar o seguinte: ó, essa decisão ela não foi a mais adequada, então eu vou

retroceder. Mas eu tenho que, eu tenho pra mim que eu tenho que explicar o porquê, não posso simplesmente ficar ao sabor de uma hora um fala e outra hora outro fala e eu vou mudando, não é simplesmente isso, sabe. Verificar o que nós temos que, é, como que a gente tem que agir. Por exemplo, na questão do nosso alojamento, nós, não sei se vocês conhecem o alojamento estudantil de Ouro Preto, ele é um lugar muito inóspito. E aí houve uma preocupação em 2013, eu deixei mais ou menos arrumado lá, mais ou menos, porque o lugar é muito ruim, as camas eram de alvenaria, então botava um colchão em cima... Aí a gente desmanchou aquilo, colocamos beliches, fogão, geladeira e tal, obviamente que dez anos depois não tava tudo lá, né, já tinha tudo, cacareco. E aí, a gente tava tentando com a reitoria recurso para reformar o alojamento, no meio do caminho houve uma denúncia de um servidor que incitou os alunos a falar que lá tava em condição sub-humana. Realmente, não tava bonito lá, mas era um lugar possível para quem não tinha nada, nenhum lugar pra morar, sem o custo, né. Então, eu tive que tomar uma decisão, é, que no primeiro momento era de manter os alunos lá da forma que dava. Nós tivemos que tirar os alunos, então eu tive que reconsiderar uma decisão porque, por força de uma denúncia, por força da impossibilidade de fazer qualquer reforma com os alunos morando lá... Então eu tenho que, em alguns momentos, eu recuei, né, em outras tantas lá, não vou conseguir lembrar, assim, o fato em si, mas é possível rever as situações. Claro que sendo mulher isso pesa porque dão que a gente não tem posição, que a gente é fraca, isso às vezes sou com essa conotação mesmo. Mas, na maioria das vezes, eu acredito que as pessoas depois conseguiram enxergar, né. Quando você não tem má-fé você consegue ver, não, ela tinha razão, ela tava, ela tinha argumentos, ela tinha um propósito e tal. Mas quando é má-fé, nada que você faz o povo vai dar crédito, faz parte da vida.

Douglas: E nesse período aí todo que você passou no IFMG, você chegou a participar de algum movimento de tipo, grupos de articulação com outras professoras, técnicas, alunas, enfim, que tratassem dessa temática de gênero?

Glória: De contrário, não. Não, contrário, não, o que o que eu tive, assim, foi uma aproximação com a UBM, né, que havia o entendimento das lideranças da UBM, União Brasileira de Mulheres, de que o nosso trabalho valorizava o protagonismo feminino, e tanto que elas, a diretoria, né, a coordenação do movimento, sempre esteve presente no

Campus, por conta dessa identificação com a relevância de uma diretora de uma escola do porte Campus de Ouro Preto, né. Então, mas o que eu vi e vivenciei foi de questões favoráveis partindo das mulheres, né, isso, sim.

Denis: É, mudando um pouquinho de assunto, né, a gente fez aqui nesta tarde uma retrospectiva, né, e principalmente em relação ao passado da instituição e tal, essa trajetória mesmo de fundação do IFMG. Eu queria saber de você agora sobre o futuro, sobre as questões de futuro, é, os Institutos Federais eles têm futuro? Qual seria a sua percepção em relação ao futuro do IFMG, especificamente?

Glória: Hunrum, tá. É, os Institutos eles têm futuro, mas eles têm futuro pela forma como eles foram criados, pelo modelo que foi pensado, né, em termos, assim, ideais. Eles têm, por outro lado, o seu futuro comprometido se nós permitirmos, porque aí, nós servidores, alunos, temos que defender o nosso patrimônio, né, e nós temos visto isso, alguns *campi* no Brasil foram ameaçados de serem fechados por prefeituras não darem mais apoio, é, houve ataques mesmo às instituições. Então, isso pode acontecer, é, principalmente no governo que está muito atrelado ao capital tá, muito atrelado ao tecnicismo e não à tecnologia, e não à técnica, né, ou à politecnia como se conceberam os Institutos Federais. Isso é possível, nós estamos numa possível ameaça. Mas eu não acredito na extinção dos Institutos, eles podem até vir a ser reformulados se nós permitirmos, mas não é fácil derrubar uma lei que criou os institutos, daí a importância que foi não se trabalhar por decretos na época da criação dos Institutos, porque um decreto fragilizaria muito até os antigos CEFETs e Escolas Técnicas, Agrotécnicas e as vinculadas, então nós tínhamos que ter um modelo sólido. E o que tem de mais sólido hoje no nosso país, né, mesmo quando se desmancha no ar, como se diz, é a lei, **a lei criou os institutos** e pelos decretos regulamentando aí algumas questões. O IFMG, eu vejo, assim, como uma possibilidade muito grande de atuação, uma possibilidade muito grande de se firmar no Estado de Minas Gerais, porque aí se nós estamos falando das possíveis competições entre os *campi*, nós também temos as possíveis competições entre os Institutos em Minas Gerais. Por ter mais institutos no Estado, nós provavelmente, também teremos alguns conflitos em relação à área de atuação em relação aos campus, né, que são, como é que fala aqui, sobrepõem uns aos outros? Então, o IFMG, na minha opinião, deveria ser o carro-chefe de Minas Gerais [Inaudível:

2:24:17 a 2:24:22] não desmerecendo as outras unidades, nada disso, mas pelo fato de ter a reitoria na capital isso tem, necessariamente, que fazer com que o IFMG tenha protagonismo no Estado de Minas, na minha opinião. É como? Não tem receita, mas tem percepções de uma pessoa que já apanhou um pouquinho, já viveu um pouquinho, que é o trabalho coletivo, eu insisto nisso, se a gente consegue trabalhar com metas, por exemplo, de desempenho de alunos, é, empregando alunos, atuando nas diversas dimensões aí da sociedade... E nós servidores, tanto docentes quanto técnicos administrativos, trabalharmos em conjunto, sabe, assim, é um sonho, e a gente tem que beber dessa utopia de falar que vai ter um curso referência no mundo que só tem no IFMG. No IFMG, não é no campus X, nem Y, nem Z, é o sonho, é a vontade, assim, de ver todo mundo trabalhando nessa possibilidade pelo, uma coisa, uma estrelinha mesmo universal, e todo mundo reconhecer o Instituto. A gente não fala de professor David num sei quê, a gente fala de Harvard, né, a gente fala de Oxford, a gente não fala do pesquisador lá da universidade, então a mesma forma, acho que o IFMG tem que buscar isso, ser essa referência que vai ser reconhecido em alguma, não precisa ser todas as áreas que a gente não vai dar conta, mas começa com uma e aí vão ouvir falar por muitos anos...

Douglas: Bacana. É, Glória, questão pessoal mesmo, o que você considera que foi a sua contribuição para a Rede Federal?

Glória: A minha? É, eu acredito que eu consegui projetar as escolas pequenas no universo, naque... pelo menos durante um tempo em que existiam diferenças, né, existiam discrepâncias em relação às instituições, eu contribuí nesse ponto e também na credibilidade do trabalho feminino na educação profissional. É, ousando integrar o ensino médio com ensino técnico, ousando participar do projeto PROEJA e acreditando e defendendo esse projeto. Então, eu vejo a minha vida profissional, eu enxergo a educação profissional, não consigo separar... [risos]

Denis: Agora, ô Glória, muito obrigado, tá, pela entrevista concedida aqui. A gente encaminhando aí pro final, né, pras questões finais. Queria saber de você, o que acha

desse percurso, assim, é, de pensar a história da Instituição e essa proposta, né, nossa aí de fazer esse exercício sobre a memória do IFMG?

Glória: Humrum. Ó, é importantíssimo porque nós vivemos o tempo todo falando, né, que um povo sem memória não tem futuro, né, isso? É, porque, na verdade, quando a gente faz esses exercícios de olhar pra história, isso nos impulsiona, eu vejo assim, então eu não posso me colocar no papel do saudosista, às vezes a gente tende já a colocar: “ah, porque no meu tempo, ah, porque a Escola Técnica era melhor, ah, porque”. Senão daqui a pouco nós vamos voltar lá no Adão e Eva, né, lá que era bom. Então é preciso que nós tenhamos esse olhar para o que foi construído e, principalmente, uma preocupação que eu vejo nas novas gerações, as coisas não estão prontas e acabadas, elas não, quando nós chegamos, não tava nada pronto e acabado, teve muita luta, teve muita resistência, teve muito debate, né, cada tijolinho que foi colocado, cada servidor novo que foi que foi chegando, cada aluno, isso só foi possível por conta da determinação de um coletivo. É, quando eu fazia reuniões na escola aqui em Ouro Preto, em algumas vezes eu gostava de mostrar os quadros dos antigos diretores, porque cada um acrescentou alguma coisa. É lógico que teve erros, é lógico que teve aberrações, mas nós só estamos ali, naquele lugar hoje por conta desse legado de cada um aí, não tenho dúvida, não tenho dúvida, e é bom reconhecer, é bom ser reconhecido, né, porque se você dedica uma parte da sua vida a uma instituição e muitas vezes passa nela mais tempo do que na sua família, mais tempo do que você gostaria, né, de estar com a sua família também, então é bom, é gostoso de você saber que fez parte de uma história que passaram uma borracha em cima da sua pessoa, né. E aí de todos, de quando inaugurou a UNED de Congonhas, eu também já não estava na direção, mas eu participei da primeira picada lá de enxada, de marreta pra colocar a cerca onde seria o campus, e a gente fez isso com nossos servidores lá, pedreiro, carpinteiro, armador, eletricista, eles dormiam no contêiner, no barracão lá pra tomar conta do terreno que ia ser a UNED de Congonhas. Isso não tem preço, né, saber que a gente fez parte da história, saber que cada um daqueles ali deixou suor. Meu sonho era ver era ver o nome deles todos, assim, uma placa, né, porque foi com muita garra que eles foram para lá e porque a dona Glória, assim que eles me chamaram, a dona Glória [risos], a gente tá lá e nós vamos... Nossa, e foi muito legal, foi muito bom viver isso aí e muito bom conversar com vocês, sem dúvida.

Douglas: Ah, Glória, também pra gente foi muito bom, foi sensacional. E que essa agora é a última pergunta, e que nem eu brinco agora a pergunta é mais honesta, né, porque passado todo depoimento, você autoriza a gente a disponibilizar que vai ser utilizado do Portal, nós vamos é, vai ser construído o Portal, então, vai ser disponibilizado o vídeo na íntegra, nós vamos editar partes temáticas para colocar, nós vamos transcrever o que você disse para futuros pesquisadores terem acesso às suas palavras. Enfim, então agora que eu disse, né, é mais honesto, uma vez que já foi tudo perguntado. Você autoriza a gente a utilizar suas palavras, imagens, enfim?

Glória: Autorizo, autorizo, não tem problema nenhum, eu num falei nada que não saísse do coração, né, tanto que eu não me preparei, num, eu tô sem material nenhum, porque eu falei, eu vou com a cara e coragem, como eu sempre fiz minhas coisas na vida assim, pra ser o mais verdadeiro possível, tá bom.

Douglas: Tá ótimo, tá ótimo, muito muito obrigado mesmo, em nome do Centro de Memória do IFMG. E, bem, terminamos aqui. E Denis, se você quiser parar a gravação, por favor.

Denis: Sim, eu vou interromper a gravação aqui, muito obrigado viu, Glória.

Glória: Tá jóia.